



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_29/2021

Homilia no casamento da Diana e do Miguel

Lisboa, Basílica da Estrela, 25.set.2021, 15h00

Um amor maior

Gostaria de começar a minha reflexão partindo de uma expressão do Evangelho que a Diana e o Miguel escolheram para o seu casamento: “no princípio”. É, porventura, uma das expressões mais poéticas, mais profundas e programáticas de toda a Sagrada Escritura.

O princípio remete-nos para o momento inaugural, a fracção do tempo onde do nada algo é criado. É certo que aprendemos de Lavoisier que “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, aceitando assim a impossibilidade da geração espontânea da vida. Para a Sagrada Escritura, por sua vez, não é este o horizonte. “No princípio era o Verbo”. Nada mais. Apenas Deus e sua Palavra que, aos poucos, foi criando traços num mundo disforme, sem beleza, sem espanto, sem vida. A Palavra criadora de Deus foi “faça-se”. Pronunciada, imediatamente a vida nasceu.

Todos temos o nosso princípio. O momento em que algo diferente, inesperado, ganha forma. Dentro de minutos, a Diana e o Miguel farão a troca das suas promessas dizendo um ao outro “sim”. “Sim, aceito-te”. É o princípio, o tempo da criação, em que uma nova família nasce. O dia em que, em última circunstância, o amor cria algo que antes não existia. Diz o mesmo evangelho que a partir deste momento “os dois serão uma só carne”.

Como sabemos, esta nova realidade só possível quando existe amor. Mas “amor” é uma palavra utilizada em tantos contextos que se tornou banal. O Papa Bento XVI escreveu em 2005 uma encíclica intitulada *Deus caritas est* na qual, com a fineza intelectual que lhe é reconhecida, recuperava o pensamento grego para distinguir entre *eros*, *philia* e *agape*. Permite uma brevíssima referência sobre cada uma destas perspectivas. Concluirei com a exigência da complementaridade das três para entender o amor em todas as suas vertentes.

O *eros* liga-se imediatamente à noção de atracção humana. Os gregos viam no *eros* o inebriamento, a subjugação descontrolada da razão a um instinto. Daí a acepção negativa que ainda hoje se empresta a esta palavra. Ainda assim, a Sagrada Escritura tem um olhar positivo. Em primeiro lugar, o *eros* está enraizado na natureza do homem e, em segundo lugar, representa a orientação baseada na criação, isto é, o *eros* “impela o homem ao matrimónio, a uma ligação caracterizada pela unicidade e para sempre” (*Deus caritas est* 11). Quando amadurecido, é o princípio que fundamenta as relações esponsais, a força vital que impela à complementaridade e à intuição original de que somos criados para a entrega estável.



A *philia*, por sua vez, é um amor diferente: é a amizade. Também esta está presente nas relações matrimoniais ou de namoro, tal como esteve e ainda está certamente presente na Diana e no Miguel. O cardeal Tolentino Mendonça escreveu um livro sobre a amizade, o qual aconselho a lerem. Diz Tolentino que, por definição, o amigo é alguém que caminha ao nosso lado e, com ele, nenhum caminho será longo. É alguém com quem podemos contar e a quem podemos contar tudo. É alguém junto de quem podemos estar em silêncio sem que seja um momento constrangedor. Trata-se assim de um amor mais consciente, que não representa um instinto humano mas sim uma opção livre: estar ao lado de alguém. Diana e Miguel, fortalecei a vossa amizade, o vosso amor gratuito e a capacidade de se perdoarem quando necessário for, de estardes ao lado um do outro, nas alegrias que as tereis e nas tristezas que não faltarão. Nunca deixeis o outro sozinho.

Na experiência da amizade há um comportamento a ter permanentemente: a necessidade de perdoar e de ser perdoado. Gosto de recordar uma frase de Gabriel García Márquez escrita no clássico *Cem anos de solidão*. Diz García Márquez que “um único minuto de reconciliação vale mais do que toda uma vida de amizade”. É que a reconciliação projecta-nos para a humildade e coloca à prova as amizades. São necessários dois amigos verdadeiros para um perdão sincero. Com certa sabedoria aconselhava também o Papa Francisco três palavras mágicas para os casais: com licença, obrigado e desculpa. Que o vosso dia, Diana e Miguel, nunca termine sem fazerem as pazes.

Mas não se esqueçam da necessária abertura a uma amizade maior: Jesus Cristo. Jesus disse certo dia aos seus discípulos “Chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai (Jo 15, 15). Também Ele permanecerá ao vosso lado em todos os momentos, a começar por este dia, este “princípio”, no qual podem a Sua bênção para o vosso matrimónio. Aceitai-o como companhia. Sabei que Ele nada tira e dá tudo. Reservai alguns momentos para estar com Ele e com Ele intuídes o melhor caminho.

O terceiro grau do amor é o *agape*, também traduzido por caridade. Nada tem a ver, no sentido mais profundo, com a dimensão social. *Agape* é o amor gratuito, altruísta, ablativo, da entrega incondicional e absoluta. É, por isso, frequentemente utilizado para falar do amor que Deus nutre por todos nós. Jesus morreu numa cruz, por todos nós, sem nada esperar em troca. Deu-se, deu tudo de si sem nada esperar em troca. Não será esta a antítese da norma jurídica *do ut des* (dou para que me dê)? A caridade nada espera em troca. Apenas, como lemos de Paulo na segunda leitura, “tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. Gratuitamente, nunca se cansando. Deixo-vos a Oração de S. Francisco. “O Mestre fazei que eu procure mais consolar que ser consolado; compreender que ser compreendido; amar que ser amado. Pois é dando que se recebe. Perdoando que se é perdoado e é morrendo que se vive para a vida eterna”.

Permitam-me recuperar um pensamento sapiencial do Talmude sobre a complementaridade entre o homem e a mulher. Diz o texto. “Tem muito cuidado quando fazes chorar uma mulher, pois Deus conta todas as suas lágrimas! Quando Deus decidiu criar a mulher a partir do homem, não a criou a partir dos pés para ser calcada pelo homem, nem a criou a partir da cabeça para ela ser superior ao homem. Mas criou-a a partir da costela (do lado) para ser igual ao homem. Não de uma costela qualquer, mas: - de uma costela um pouco abaixo (do ombro) para poder ser abraçada e protegida pelo homem, - e de uma costela do esquerdo do coração, para ser amada pelo mesmo homem”.



Quando se fala tanto de igualdade mas se acentuam as diferenças e violências, quando o amor é proclamado mas nem sempre vivido, importa afirmar que somos um único corpo. Como ainda é possível calcar ou humilhar se os braços e o coração são expressão de um amor autêntico marcado por abraços de ternura, afeto, compreensão, solicitude?

Que o amor entre vós seja *eros*, *philia* mas sobretudo *agape*.

A Igreja católica está a viver um ano dedicado à família e a estudar carta encíclica do Papa Francisco que tem um título maravilhoso. Irei oferecer-vos, e aos vossos pais, um exemplar. *Amoris laetitia*. A alegria do amor. Logo no prólogo se afirma que “o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia”. E que boa notícia estamos hoje a presenciar. A Diana e Miguel passarão a constituir uma nova família sob a bênção de Deus, com o amparo de tantos amigos aqui presentes, autênticos companheiros de viagem, e com a certeza da mútua e incondicional entrega um ao outro.

A Igreja católica está a viver um ano dedicado à família e a estudar carta encíclica do Papa Francisco que tem um título maravilhoso. Irei oferecer-vos, e aos vossos pais, um exemplar. *Amoris laetitia*. A alegria do amor. Logo no prólogo se afirma que “o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia”. E que boa notícia estamos hoje a presenciar.

A Diana e Miguel passarão a constituir uma nova família sob a bênção de Deus, com o amparo de tantos amigos aqui presentes, autênticos companheiros de viagem, e com a certeza da mútua e incondicional entrega um ao outro. Da minha parte, embora não nos conheçamos, gostaria de vos deixar a certeza. Vim presidir ao vosso casamento para começar a caminhar convosco. Ficarei sempre ao vosso dispor. Comigo também a Igreja Católica deseja que sejais felizes e acrediteis, diariamente, que o melhor está para vir. Sabei, também, que Nossa Senhora naquela invocação que mais vos agrada, também convosco caminhará. Aceitai a sua companhia.

Poderia terminar esta minha partilha com um texto da Escritura. Sirvo-me de uma referência mundial para concluir com uma ideia minha. Albert Einstein dizia: “O único lugar onde o êxito chega antes do trabalho é no dicionário”. Amar dá trabalho. Não é dado adquirido nem se supõe que exista. Mas, vale a pena.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*